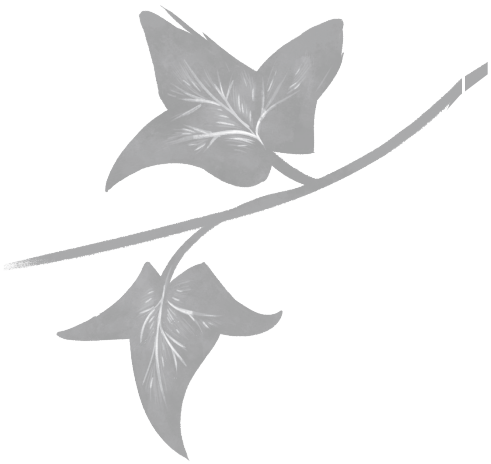


13 de abril de 1936, 18h00.
Sabes que não te posso deixar sair...

O destino apresentou-se a Dottie Epstein um ano antes, na forma de uma chamada do gabinete do diretor.

Não era a primeira vez.

Dolores Epstein não era enviada ao diretor pelos motivos considerados normais — lutar, copiar, chumbar, faltar. Os motivos de Dottie eram sempre mais complicados: desenvolver as suas próprias experiências químicas, questionar a interpretação do professor sobre geometria não-euclidiana, ou ler livros nas aulas porque não havia nada de novo para aprender, por isso, mais valia fazer algo útil com o tempo em que ali estava.

— Dolores — dizia o diretor —, não podes andar por aí a agir como se fosses mais inteligente do que toda a gente.

— Mas eu sou — respondia ela. Não por ser arrogante, mas porque era a verdade.

Desta vez, Dottie não sabia o que tinha feito. Invadira a biblioteca para ir à procura de um livro, mas tinha quase a certeza de que ninguém sabia disso. Já explorara todos os cantos daquela escola, abrira cada fechadura e vasculhara todos os armários, estantes e vitrinas. Nunca tivera más intenções. Geralmente, o objetivo era encontrar alguma coisa ou apenas testar se seria bem-sucedida.

Quando chegou ao gabinete do diretor, o Sr. Phillips já estava sentado na sua enorme secretária. Mas não estava sozinho — sentado ao seu lado, banhado por um raio de sol com o padrão listrado das cortinas das janelas, encontrava-se um homem de cabelo grisalho e um deslumbrante fato cinzento. Parecia alguém saído de um filme. Aliás, de certa forma, ele *era* mesmo saído de um filme.

— Dolores — começou o Sr. Phillips. — Este é o Sr. Albert Ellingham. Conheces o Sr. Ellingham?

Claro que conhecia. Não havia quem não conhecesse. Albert Ellingham era o proprietário da American Steel, da *New York Evening Star* e da Fantastic Pictures. A sua riqueza era incalculável. Era o tipo de pessoa cujo rosto se podia imaginar de facto *impresso no dinheiro*.

— O Sr. Ellingham tem uma notícia maravilhosa para te dar. És uma jovem cheia de sorte.

— Vem, senta-te, Dolores — convidou o Sr. Ellingham, gesticulando com a mão aberta para a cadeira vazia diante da secretária do Sr. Phillips.

Dottie sentou-se, e o infame Sr. Ellingham inclinou-se para a frente, pousando os cotovelos nos joelhos e entrelaçando as suas mãos grandes e bronzeadas. Era a primeira vez que Dottie via alguém bronzeado em pleno inverno. Isto, mais do que qualquer outra coisa, era um poderoso indicativo da riqueza do Sr. Ellingham. Até o Sol lhe pertencia.

— Ouvi falar muito sobre ti, Dolores — disse ele. — O Sr. Phillips disse-me que eras uma jovem brilhante. Com apenas catorze anos, já estás no penúltimo ano do secundário. Aprendeste grego e latim sozinha? E fazes traduções?

Dottie assentiu timidamente.

— Costumas aborrecer-te aqui na escola? — perguntou.

Dottie lançou um olhar nervoso ao diretor, mas ele sorriu e dirigiu-lhe um aceno encorajador da cabeça.

— Às vezes — respondeu Dottie. — Mas a culpa não é da escola.

Ambos os homens se riram com a resposta, e Dottie relaxou um pouco. Não muito, mas um bocadinho.

— Abri uma escola nova, Dolores — continuou o Sr. Ellingham. — Uma escola onde pessoas especiais como tu podem aprender no seu próprio ritmo, à sua própria maneira, como lhes aprouver. Acredito que a aprendizagem é um jogo, um jogo esplêndido.

O Sr. Phillips baixou o olhar para a secretária por um momento. A maioria dos diretores não via a aprendizagem como um jogo, mas ninguém podia contradizer o grande Albert Ellingham. Se ele dizia que a aprendizagem era um jogo, então era verdade. Se ele dissesse

que a aprendizagem era um elefante de vestido verde a andar de *skate*, as pessoas também lhe dariam razão. Quando se tem dinheiro e poder suficiente, é possível ditar o significado das palavras.

— Selecionei 30 estudantes de diversos contextos para se juntarem à escola, e gostaria que tu fosses uma delas — disse o Sr. Ellingham. — Não terias nenhum tipo de restrições ao teu processo de aprendizagem e receberias livre acesso a tudo o que precisasses. Parece-te interessante?

Parecia-lhe muito interessante. Mas Dottie encontrou um imediato e incontornável obstáculo.

— Os meus pais não têm dinheiro — confessou abertamente.

— O dinheiro nunca deverá ser um entrave à aprendizagem — disse gentilmente o Sr. Ellingham. — A minha escola é gratuita. Irás como minha convidada, se aceitares.

Parecia bom demais para ser verdade — mas era real. Albert Ellingham enviou-lhe um bilhete de comboio e 50 dólares em dinheiro. Uns meses depois, Dottie Epstein, que nunca saíra de Nova Iorque, estava a caminho das montanhas de Vermont e cercada por mais árvores do que alguma vez vira na sua vida inteira.

A escola tinha uma grande fonte parecida com a de Central Park. Os edifícios de pedra e tijolo pareciam saídos de um livro. O seu quarto na Casa Minerva era grande, mas acolhedor, e tinha uma lareira (aquela região era *fria*). Havia livros, tantos livros maravilhosos, e Dottie podia levar quantos quisesse, quando quisesse e sem ter de pagar multas à biblioteca. Os professores eram simpáticos. O laboratório de ciências tinha boas condições. Estudavam botânica numa estufa. Tinham aulas de dança com uma senhora chamada Madame Scottie, que andava de um lado para o outro de *collants* e cachecóis e usava pulseiras enormes nos braços.

O Sr. Ellingham vivia no *campus* com a mulher, Iris, e a filha de três anos, Alice. Em alguns fins de semana, apareciam carros vistosos que transportavam pessoas com roupa fabulosa. Dottie reconheceu pelo menos duas estrelas do cinema, um político e um cantor famoso. Nesses fins de semana, chegavam bandas de Burlington e Nova Iorque e a Mansão enchia-se de música até às tantas. Por vezes, os convidados do Sr. Ellingham passeavam pelo terreno, e os ornamentos dos seus vestidos tremeluziam ao luar. Mesmo em Nova Iorque, Dottie nunca estivera tão perto de celebridades.

Os funcionários tinham o cuidado de deixar tudo em ordem, mas os terrenos eram vastos e repletos de esconderijos, pelo que sobravam vestígios por todo o lado — uma taça de champanhe aqui, um sapato de cetim acolá. Incontáveis cigarros pisados, penas, pérolas e outros detritos dos ricos e admiráveis. Dottie gostava de colecionar estes estranhos artefactos que encontrava e de os guardar no que dizia ser o seu museu. O isqueiro de prata era o seu favorito. Acendia-o e apagava-o, agradada pela sua fluidez de movimentos. É claro que o iria devolver — apenas queria ficar com ele por mais algum tempo.

Como Ellingham concedia aos seus alunos liberdade para trabalhar, estudar e vaguear, Dottie passava muito do seu tempo sozinha. Vermont era um lugar diferente — não era o mesmo que descer escadas de incêndio ou escalar canos hidráulicos. Dottie habituou-se à floresta, a explorar os limites do *campus*. Foi assim que encontrou o túnel durante um dos seus primeiros passeios depois de chegar a Ellingham, no outono. Estava a explorar a floresta. Dottie nunca experienciara nada como a densidade da copa das árvores imersas naquele silêncio profundo, quebrado apenas pelo ocasional farfalhar das folhas. Depois, ouviu um som familiar — algo fino e metálico sob os pés. Reconheceu aquele rufo de imediato. Era o mesmo som de quando se pisava a tampa de uma abertura de esgoto.

Dottie abriu o alçapão e deparou com um lanço de escadas de cimento que conduzia ao subsolo. Deu por si num túnel seco e bem cuidado de tijolos escuros. A sua curiosidade aguçou-se. Usou o isqueiro de prata para iluminar o caminho até uma porta grossa com um painel deslizante à altura dos olhos. Identificou-a assim que a viu — estavam espalhadas por toda a cidade. Era a porta de um bar clandestino. Destrancada.

Nada neste túnel parecia seguro; encontrava-se ali, à disposição de qualquer explorador. Por isso, Dottie explorou. Do outro lado da porta, havia um compartimento de cerca de 2,5 metros quadrados, com um teto alto. As paredes estavam cobertas de prateleiras que, por sua vez, estavam recheadas de garrafas de vinho e das mais variadas bebidas alcoólicas. Dottie examinou os rótulos decorados no vidro colorido, rótulos em francês, alemão, russo, espanhol, grego… uma biblioteca inteira de álcool.

Havia umas escadas embutidas numa das paredes. Dottie subiu e abriu a portinhola no topo. Deu por si no interior de uma pequena estrutura em cúpula com telhado de vidro. O chão estava coberto de tapetes e almofadas de pele, vários cinzeiros e algumas taças perdidas de champanhe. Sentou-se num banco comprido encostado a uma das paredes e reparou que estava numa pequena ilha no meio do lago ornamental por trás da Mansão Ellingham.

Um cantinho secreto! O cantinho secreto mais perfeito no mundo inteiro. Decidiu que aquele seria o seu lugar de leitura. Dottie Epstein passava lá muito do seu tempo, aninhada num tapete de peles, com uma pilha de livros ao seu lado. Nunca ninguém a apanhara lá, e estava certa de que mesmo que o Sr. Ellingham a encontrasse, não levantaria problemas. Era um homem tão bondoso e divertido.

Não podia estar mais segura.

Aquele dia de abril estava particularmente estranho e nebuloso, cobrindo os espaços entre as árvores e Ellingham inteira com uma névoa leitosa. Dottie decidiu que o tempo convidava a um mistério. Sherlock Holmes seria perfeito. Já lera todos os livros de Sherlock Holmes, mas a releitura era um dos seus maiores prazeres, e este nevoeiro era exatamente como o nevoeiro de Londres que as histórias descreviam.

Dottie aprendera quais eram as melhores alturas para visitar a sua cúpula literária. Era uma tarde de segunda-feira — ninguém da Mansão estaria lá. O Sr. Ellingham saíra de casa de manhã, e a Sra. Ellingham à tarde. Dottie levou a coleção de livros de Sherlock Holmes da biblioteca e dirigiu-se para o seu lugar secreto.

Naquele dia, a vista da sua pequena cúpula de vidro assemelhava-se a estar no interior de uma nuvem. Dottie esticou-se no chão, cobriu-se com o tapete de peles e abriu o livro. Não demorou muito a perder-se pelas ruas de Londres — *o jogo começou!*[1]

Dottie distraiu-se tanto na sua leitura que foi apanhada de surpresa quando ouviu um barulho diretamente abaixo do chão. Alguém entrara na sala de bebidas e estava a subir as escadas. Alguém estava *mesmo ali*. Sem tempo para fugir, Dottie puxou o pesado tapete sobre a cabeça

[1] Frase célebre de Sherlock Holmes. (*N. da T.*)

e encostou-se à parede o máximo que conseguiu, tentando camuflar-se num monte de almofadas. Mantém-te no chão. Torna-te invisível.

Ouviu o ranger da portinhola a ser levantada, o ruído quando voltou a bater contra a pedra. A pessoa ergueu-se na cúpula e ficou a meros centímetros do rosto de Dottie, que rezou para não ser pisada e encolheu-se ainda mais.

A pessoa afastou-se e pousou algo no chão. Dottie atreveu-se a levantar a pontinha do tapete uns centímetros e viu uma mão enluvada a tirar objetos de um saco e a pô-los no chão. Arriscou-se a levantar o tapete mais uns centímetros para ter um melhor vislumbre. Havia uma lanterna, binóculos, uma corda e algo brilhante.

O item brilhante eram algemas, quase como as que o seu tio que trabalhava na polícia tinha.

Uma lanterna, binóculos, corda e algemas?

Dottie foi percorrida por uma onda de adrenalina que lhe fez disparar o coração. Havia algo errado ali. Voltou a cobrir-se com o tapete e encolheu-se mais, o rosto pressionado contra o chão, achatando-lhe o nariz. A pessoa andou às voltas pelo cómodo durante vários minutos. Depois, um silêncio repentino. Ter-se-ia ido embora? Se assim fosse, Dottie teria ouvido o som da portinhola.

Sentia a própria respiração quente contra o rosto. Não sabia o que estava a acontecer, mas tinha a cabeça a andar à roda. Começou a contar silenciosamente. Mas quando chegou ao 500 e ainda não havia barulho, decidiu voltar a levantar a pontinha do tapete. Apenas uns centímetros. Só mais um bocadinho.

Não havia ninguém no seu campo de visão. Levantou o tapete um pouco mais. Nada. Estava prestes a sair do esconderijo quando…

— Olá — disse uma voz.

Dottie sentiu o coração a afundar-se.

— Não tenhas medo — disse a voz misteriosa. — Podes sair.

Já não fazia sentido continuar a esconder-se. Dottie rastejou para fora do tapete, apertando o seu livro contra si. Olhou para o visitante e depois para os objetos espalhados no chão.

— Aquilo é para o jogo — disse a pessoa.

Jogo? Claro. Os Ellinghams adoravam jogos. Estavam sempre a jogá-los com os seus convidados — caças ao tesouro elaboradas e *puzzles*.

O Sr. Ellingham enchera as casas dos alunos com jogos de tabuleiro, como o Monopólio e, por vezes, até se juntava às partidas. Lanterna. Corda. Binóculos. Algemas. Podia ser um jogo. O Monopólio também tinha peças estranhas.

— Que tipo de jogo? — perguntou Dottie.

— É complicado — respondeu a pessoa. — Mas muito divertido. Tenho de me esconder. Também estavas aqui escondida?

— Para ler — esclareceu Dottie. Mostrou-lhe o livro e tentou impedir as suas mãos de tremer.

— Sherlock Holmes? Adoro Sherlock Holmes. Qual é que estás a ler?

— *Um Estudo em Vermelho*.

— Boa escolha. Força, podes continuar a ler. Não te quero atrapalhar.

O visitante tirou um cigarro e acendeu-o, depois fumou enquanto a observava.

Não era a primeira vez que Dottie via aquela pessoa. Era alguém que podia muito bem estar a participar num dos jogos elaborados dos Ellinghams. Mas Dottie também era uma rapariga de Nova Iorque, que já vira o suficiente para aprender a pressentir quando algo não estava certo. O olhar, o tom de voz. O seu tio, o polícia, sempre lhe dissera: «Confia nos teus instintos, Dottie. Se tens um mau pressentimento em relação a algo ou alguém, sai imediatamente. Sai e vem ter comigo.»

Os instintos de Dottie disseram-lhe para sair dali. Mas com cuidado. Agindo como se nada fosse. Abriu o livro e tentou concentrar-se nas palavras à sua frente. Levava sempre um lápis consigo, escondido na manga, para anotações. Quando o visitante desviou o olhar para a janela, fez descer o lápis para a palma da mão, um movimento que aperfeiçoara com o tempo, e sublinhou grosseiramente uma frase. Não era muito, mas era uma forma de deixar uma dica que talvez alguém entendesse se…

Ninguém entenderia, e o *se* era um pensamento demasiado aterrorizante.

Voltou a esconder o lápis na manga. Não conseguia continuar a fingir que estava a ler. Os seus olhos já não absorviam as palavras. Todo o seu corpo tremia.

— Tenho de ir devolver isto à biblioteca — disse Dottie. — Eu não digo a ninguém que estás aqui. Odeio quando fazem queixinhas de mim.

A pessoa sorriu-lhe, mas era um sorriso estranho. Não fora sincero. Demasiado forçado nos cantos da boca.

Dottie teve consciência de que se encontrava numa estrutura no meio de um lago, a meio caminho de uma montanha. Analisou todos os cenários possíveis na sua cabeça e conseguiu ver como os próximos segundos se iriam desenrolar. O seu coração desacelerou, latejando-lhe na cabeça. O tempo passava terrivelmente devagar. Lera muitas histórias em que a morte se apresentava como uma personagem — uma força palpável no cómodo. Agora, havia ali uma força assim, um visitante silencioso no espaço.

— Tenho de ir — balbuciou. Começou a mover-se para a portinhola, e a pessoa moveu-se com ela. Eram como peças num tabuleiro de xadrez, avançando para um fim inevitável.

— Sabes que não te posso deixar sair — disse a pessoa. — Quem me dera poder.

— Podes — disse Dottie. — Eu sou boa a guardar segredos.

Agarrou com força o seu livro do Sherlock Holmes. Nada de mau lhe aconteceria se estivesse a agarrar o Sherlock Holmes. O Sherlock Holmes iria salvá-la.

— Por favor — pediu.

— Lamento muito — disse o visitante com uma voz que lhe parecia genuinamente triste.

Restava-lhe apenas uma jogada, e Dottie sabia que era má. Mas quando se esgotam os espaços no tabuleiro, faz-se o que for preciso. Precipitou-se contra a abertura da portinhola. Não havia tempo para tentar usar as escadas — deixou cair o livro e saltou para o buraco escuro, esticando as mãos cegamente. Os seus dedos escorregaram pelos degraus das escadas, sem se conseguirem agarrar. Estava a cair. O chão recebeu-a com uma finalidade terrível.

Teve um momento de consciência pulsante quando aterrou. Sentiu uma dor quase doce e algo quente a acumular-se à sua volta. A pessoa estava a descer as escadas. Dottie tentou mexer-se, deslizar pelo chão, mas era inútil.

— Quem me dera que não tivesses vindo aqui — disse o visitante. — A sério.

Quando a escuridão se abateu sobre Dottie, foi rápida e absoluta.

EXCERTO DOS ASSASSINATOS NA MONTANHA: O CASO ELLINGHAM

O Instituto Ellingham estava localizado a meio de uma montanha oficialmente chamada Monte Morgan. No entanto, ninguém a chamava assim. Entre os locais, era conhecida como Monte Machadinha ou «o Grande Machado», devido à protuberância no pico, que se assemelhava às ferramentas homónimas.

Ao contrário das montanhas que o rodeavam, que atraíam esquiadores e turistas de férias, o Monte Machadinha era largamente subdesenvolvido e arborizado. Convidativo para quem gosta de fazer trilhos e observar pássaros, assim como para quem aprecia riachos e deixar-se perder na floresta. Em 1928, quando Albert Ellingham o descobriu, as pessoas evitavam o Grande Machado. Não havia estrada, por mais acidentada que fosse, que passasse por ali. A floresta era demasiado densa, o rio demasiado profundo. Havia muitas quedas de rochas. Era selvagem e demasiado estranho.

Reza a lenda que Albert Ellingham descobrira o lugar por mero acaso a caminho do iate clube em Burlington. Como alguém dá por si, acidentalmente, na encosta de uma montanha desabitada em 1928, ainda é incerto, mas ele fizera-o, e proclamara o local perfeito. Havia muito que sonhava abrir uma escola que se regesse pelos seus próprios princípios — a aprendizagem como um jogo, uma mistura entre alunos de diferentes estratos económicos, todos a aprender juntos e ao seu próprio ritmo. Ali, o ar era limpo, e o canto dos pássaros, puro. Não havia nada que pudesse distrair os alunos do seu propósito.

Ellingham adquiriu um terreno colossal pelo triplo do valor pedido. Levou alguns anos a dinamitar o local e a torná-lo plano para a construção da escola. A companhia telefónica passou fios e instalou alguns telefones públicos pelo caminho. Lento e consistente, o Monte Machadinha foi conectado ao mundo por uma estrada de terra, alguns fios e uma corrente de pessoas e mantimentos.

O Instituto Ellingham, como viria a ser conhecido, não seria apenas uma escola — os Ellinghams também fizeram do terreno um lar, construindo uma casa no coração do *campus*. E não era uma casa como as outras. Tratava-se da maior casa de Vermont, tão grande como os edifícios mais grandiosos de Burlington ou Montpelier.

Albert Ellingham queria viver na sua experiência, na sua sede de aprendizagem. O terreno estava cheio de estátuas. A propriedade entrecruzava-se com trilhos sem verdadeiro sentido. Corria o rumor de que Ellingham seguira um dos seus gatos e mandara construir caminhos de pedra ao longo de todos os percursos por ele preferidos, por achar que «os gatos é que sabem». O rumor não era verídico, mas Ellingham gostara tanto dele que correu outro rumor de que fora ele mesmo quem dera início ao primeiro.

Depois, havia os túneis, as janelas falsas, as portas que conduziam a lugar nenhum… todas as pequenas piadas arquitetónicas com que Albert Ellingham se deleitava e que tornavam as suas festas infames de tão divertidas. Dizia-se que nem mesmo ele conhecia a localização de todos os túneis e espaços, e que autorizara os vários arquitetos a plantar as suas próprias surpresas agradáveis. Resumindo, era idílico e fantasioso, e assim poderia ter continuado, se não fosse por aquela noite enevoada de abril, em 1936, quando o Cordialmente Cruel atacou.

As escolas podem ser famosas por muitas coisas: académicos, graduados, equipas desportivas.

Não deviam ser famosas por homicídios.



1

— O alce é uma mentira — disse Stevie Bell.

A mãe virou-se para ela, ostentando uma expressão que já lhe era característica — um pouco cansada, forçada a responder ao que quer que Stevie estivesse prestes a dizer por pura obrigação parental.

— O quê? — perguntou.

Stevie apontou para a janela do autocarro.

— Vês aquilo? — Stevie indicou um sinal em que se lia ALCE. — Já passámos por cinco daqueles. Demasiadas promessas e nem um único alce.

— Stevie…

— Também prometeram quedas de rochas. Onde estão as minhas quedas de rochas?

— Stevie…

— Acredito piamente em publicidade honesta — disse Stevie.

A isso, seguiu-se uma longa pausa. Stevie e os pais haviam tido muitas conversas sobre a natureza da verdade e dos factos e, noutro dia qualquer, aquilo poderia ter desencadeado uma discussão. Mas hoje, não. Pareciam ter decidido, através de algum pacto silencioso, que deixariam passar o assunto.

Afinal, não era todos os dias que se saía de casa para ir viver para um colégio interno.

— Não me agrada que não nos seja permitido conduzir até ao *campus* — disse o pai, pelo que deveria ser a oitava vez naquela manhã.

O guia de informações de Ellingham fora explícito em relação a isso: NÃO TENTEM LEVAR OS ALUNOS DE CARRO ATÉ À ESCOLA. SERÃO FORÇADOS A DEIXÁ-LOS NO PORTÃO DA ESTRADA. NÃO SERÃO ABERTAS EXCEÇÕES.

Não havia nada nefasto no pedido — o motivo estava bem explicado. O *campus* não fora concebido para receber muitos carros. Havia apenas uma estrada, e nenhum lugar para estacionar. As entradas e saídas realizavam-se através do autocarro de Ellingham. Os seus pais haviam tido alguma dificuldade em aceitar a questão, como se um lugar de difícil acesso por carro fosse, de alguma forma, inerentemente suspeito e atentasse contra a liberdade americana concedida por Deus de conduzirem para onde quisessem.

No entanto, regras eram regras, por isso os Bells iam sentados no autocarro — um veículo de qualidade com uma dúzia de lugares, janelas escurecidas e uma tela de vídeo que nada mais fazia do que espelhar levemente o reflexo da janela. O condutor era um homem mais velho, de cabelo grisalho, que não abrira a boca desde que os apanhara na área de serviço, quinze minutos antes, e mesmo aí, limitara-se a dizer, «Stephanie Bell?» e «Sentem-se onde quiserem. Não vem mais ninguém.» Stevie já ouvira falar deste comedimento de Vermont, e que chamavam «gente de baixo» aos forasteiros, mas algo naquele silêncio o perturbava.

— Olha — disse a mãe, baixinho —, se mudares de ideias…

Stevie agarrou a lateral do assento.

— Não vou mudar de ideias. Já chegámos. Quase.

— Estou só a dizer… — continuou a mãe, e depois parou. Aquele também era um tema recorrente. A manhã estava repleta de grandes sucessos familiares e poucas novidades.

Stevie olhou para trás enquanto a vista do horizonte de Vermont, de um azul místico, desaparecia, engolido pelas árvores e pelos muros rochosos onde a estrada atravessava as montanhas. Os seus ouvidos entupiram com a lenta elevação de altitude ao longo da I-89, enquanto se afastavam de Burlington, Vermont, e adentravam mais profundamente na natureza. Entendendo que a conversa chegara ao seu fim natural, Stevie pôs os auriculares. A mãe tocou-lhe no braço quando estava prestes a começar a ouvir o seu *podcast*.

— Talvez não seja a melhor altura para começares a ouvir essas histórias de assassinatos bizarros — sugeriu ela.

— É *true crime* — respondeu Stevie antes que se pudesse impedir. A correção fê-la parecer pedante. Além disso, nada de discussões. Nada de discussões.

Stevie tirou os auriculares e enrolou o fio.

— Tens tido notícias da tua amiga? — perguntou a mãe. — Jazelle?

— Janelle — corrigiu Stevie. — Ela enviou-me uma mensagem a dizer que estava a caminho do aeroporto.

— Que bom — disse a mãe. — Vai ser bom para ti fazer amigos.

Calma, Stevie. Não digas que já tens amigos. Tens muitos amigos, e o facto de a maioria serem pessoas que conheceste na internet, em fóruns de discussão sobre assassinatos e mistérios, não é relevante. Os seus pais não faziam ideia de que era possível conhecer pessoas fora da escola e que isso não era esquisito e que a internet era a melhor forma de encontrar pessoas com quem se identificasse. E claro, ela também tinha amigos na escola, mas não da forma convencional, que, aparentemente, envolvia festas de pijama, maquilhagem e idas ao centro comercial.

Mas nada disso importava agora. O futuro estava aqui, no topo das montanhas enevoadas.

— Então, a Janelle está interessada no quê, mesmo? — perguntou a mãe.

— Engenharia — respondeu Stevie. — Ela cria coisas. Máquinas, dispositivos.

Seguiu-se um silêncio cético.

— E aquele rapaz, o Nate, é escritor?

— Aquele rapaz, o Nate, é escritor — confirmou Stevie.

Esses eram os dois outros alunos do primeiro ano que, ao que parecia, iriam partilhar o dormitório com Stevie. O instituto não revelava informações sobre os alunos do segundo ano. Mais uma vez, aquela era informação que passara semanas a circular pela cozinha dos Bell — Janelle Franklin era de Chicago, era porta-voz estudantil nacional do GROWING STEMS, um programa que encorajava a entrada de jovens raparigas pertencentes a minorias étnicas nas áreas da ciência, tecnologia, engenharia e matemática. Stevie tivera acesso a diversas informações sobre como, aos seis anos, Janelle fora apanhada a arranjar (com sucesso) um miniforno. Sabia tudo sobre os seus gostos:

criar máquinas e dispositivos, soldar e caldear, fazer curadoria dos seus quadros do Pinterest com técnicas de organização, raparigas com óculos, livros para jovens adultos, café, gatos e praticamente qualquer programa de televisão.

Stevie e Janelle já trocavam mensagens com alguma frequência. O que era bom. Amiga número um.

O outro aluno do primeiro ano que iria para Minerva era Nate Fisher. Nate era menos falador e nunca respondia às mensagens, mas havia muito para descobrir sobre ele. Aos 14 anos, Nate publicara um livro intitulado *Os Ciclos de Moonbright* — 700 páginas de fantasia épica escritas ao longo de vários meses, primeiro publicado na internet e depois em livro físico. Ao que parecia, o segundo livro de Moonbright estava em andamento.

Eram o tipo de pessoas que o Instituto Ellingham recrutava.

— Parecem ser pessoas impressionantes — disse o pai. — E tu também és. Estamos orgulhosos. Sabes disso.

Stevie detetou a mensagem subliminar naquela frase. *Por muito que te amemos, não nos passa pela cabeça o motivo pelo qual foste aceite nesta escola, querida filha esquisita.*

Fora assim o verão inteiro, uma mistura estranha entre orgulho declarado e dúvida dissimulada, sustentada por uma confusão sobre a forma como esta série de acontecimentos se desenrolara. Quando Stevie recebera a notícia, os seus pais nem sabiam que ela se tinha candidatado a Ellingham. O Instituto Ellingham não era o tipo de lugar frequentado por pessoas como os Bells. Por quase um século, o instituto recebera génios criativos, pensadores radicais e inovadores. Ellingham não disponibilizava ficha de inscrição, ou lista de critérios ou nenhuma outra instrução além de «Se gostaria de ser considerado para o Instituto Ellingham, por favor, entre em contacto.»

Apenas isso.

Uma frase simples capaz de levar todos os estudantes ambiciosos à loucura. Que queriam eles? Que procuravam? Era como um enigma retirado de uma história de fantasia ou de um conto de fadas — algo que o feiticeiro nos obriga a fazer antes de sermos autorizados a entrar na Caverna dos Segredos. As candidaturas deveriam ser listas

rígidas de critérios, avaliações, dissertações, recomendações e talvez uma amostra de sangue e algumas notas de um musical famoso. Mas não Ellingham. Bastava bater-lhes à porta. Bater-lhes à porta da forma especial e correta que se recusavam a descrever. Bastava entrar em contacto com *alguma coisa*. Andavam à procura de uma faísca. Se a vissem em ti, poderias tornar-te um dos 50 estudantes que recrutam a cada ano. O programa era apenas de dois anos, abrangendo o 11.º e o 12.º do ensino secundário. Não havia mensalidades. Se entrasses, seria de graça. Apenas tinhas de entrar.

O autocarro avançou para uma faixa de saída e estacionou noutra estação de serviço, onde outra família o aguardava. Uma rapariga e os pais estavam de olhos colados aos telemóveis. A rapariga era extremamente pequena, com longos cabelos escuros.

— Gosto do cabelo dela — disse a mãe de Stevie.

Apesar de se estar a referir a outra pessoa, aquilo fora uma menção ao cabelo de Stevie, cortado pela própria, na casa de banho, no início da primavera, após um surto de autorrenovação. A mãe chorara quando vira o cabelo loiro de Stevie no lavatório e levara-a a um cabeleireiro para o arranjar. O caso fora um importante ponto de discórdia, a ponto de os seus pais se recusarem a autorizá-la a ir para Ellingham como forma de punição — acabaram por mudar de ideias. A ameaça fora feita num momento de emoções fortes. A sua mãe fora muito apegada ao cabelo de Stevie, o que, de certa forma, era um motivo para se livrar dele. A razão principal, no entanto, fora Stevie achar que o cabelo curto lhe ficaria melhor.

E ficou. O corte *pixie* assentava-lhe, e era fácil de cuidar. Causara-lhe problemas quando o pintara de rosa, e depois de azul, e depois de rosa, e depois de azul. Mas agora estava de volta ao normal — loiro-escuro e curto.

As malas da rapariga foram carregadas para o fundo do autocarro, e ela entrou com os pais. Os três tinham cabelo escuro e aparência estudiosa, com olhos grandes emoldurados por óculos. Pareciam uma família de corujas. Murmuraram uns cumprimentos educados antes de ocuparem os lugares atrás dos Bells. Stevie reconheceu a rapariga do seu guia do primeiro ano, mas não se lembrava do nome dela.

A mãe deu-lhe uma leve cotovelada, que Stevie tentou ignorar. A rapariga voltara a olhar para o telemóvel.

— Stevie.

Stevie inspirou profundamente pelo nariz. Teria de se debruçar sobre a mãe e chamar a rapariga, que estava uma fila atrás, do lado oposto do corredor. Constrangedor. Mas teria de o fazer.

— Olá — disse Stevie.

A rapariga ergueu o olhar.

— Olá? — respondeu.

— O meu nome é Stevie Bell.

A rapariga pestanejou lentamente, absorvendo a informação.

— Germaine Batt — disse.

Nenhuma delas se voltou a pronunciar. Stevie começou a virar-se para a frente, sentindo que fizera um bom esforço, mas a mãe voltou a acotovelá-la.

— Faz amigos — sussurrou.

Poucas palavras provocam tantos calafrios quando combinadas como *faz amigos*. A ordem para estabelecer uma conexão fez gelar as veias de Stevie. Ela queria quedas de rochas. Mas sabia o que aconteceria se não fosse ela a falar — os pais fá-lo-iam por ela. E assim que começassem, tudo poderia acontecer.

— Vieste de longe? — perguntou Stevie.

— Não — disse Germaine, levantando o olhar do telemóvel.

— Nós viemos de Pittsburgh.

— Oh.

Stevie recostou-se no assento, olhou para a mãe e encolheu os ombros. Não podia *obrigar* Germaine a falar. A mãe lançou-lhe um olhar que dizia: *bem, pelo menos tentaste*. Pontos pelo esforço.

O autocarro deu uma guinada ao sair da autoestrada para uma estrada mais pequena e acidentada, salpicada de lojas e quintas e placas de sinalização de esqui, de sopro de vidro e de doce de xarope de ácer. Depois, havia menos edifícios e mais extensões de terrenos agrícolas com nada mais do que velhos camiões vermelhos e um ou outro cavalo.

Continuaram a subir e subir rumo à floresta.

De repente, o autocarro virou bruscamente para uma abertura nas árvores, sacudindo Stevie para o lado e quase derrubando-a do seu assento. Perto do chão, havia uma pequena placa castanha com letras douradas: a entrada para a Academia Ellingham. Era tão discreta que parecia que a escola estava deliberadamente a esconder-se.

A estrada em que se encontravam agora mal era uma estrada. Chamar-lhe um caminho seria caridoso. Na realidade, era um rasgo artificial na paisagem — uma cicatriz serpenteante na floresta. No início, descia, muito depressa, lançando-se em direção a um dos riachos que delimitavam a propriedade. Na base, havia uma construção a que se podia chamar jocosamente uma ponte que parecia feita de madeira, corda e sonhos. As laterais tinham cerca de 30 centímetros de altura e parecia poder colapsar se alguma coisa mais pesada do que um prato de bife a atravessasse.

O autocarro avançou pela ponte, que tremeu violentamente, fazendo ribombar o assento de Stevie.

Depois voltaram a subir, a uma inclinação normalmente reservada a teleféricos e descolagens de avião. Nada detinha o autocarro. A sombra das árvores obscurecia o percurso por completo. Os ramos arranharam as laterais do veículo como dezenas de unhas. O motor do autocarro rangia, parecendo debater-se para avançar pela subida estreita. Stevie sabia que não havia nada a temer, mas o autocarro parecia estar a lutar contra as próprias forças do Universo para subir aquela estrada. Era improvável que fosse naquela viagem, logo naquela com Stevie e os seus pais, que o autocarro fosse ceder e deslizar para trás, descontrolado, todo o caminho de volta, a alta velocidade, colidindo cegamente em direção ao rio, caindo no esquecimento doce, frio e molhado… mas nunca se sabe.

O chão começou a nivelar e as árvores deram lugar a um caminho mais suave e a uma vista ampla dos relvados verdes. O autocarro aproximou-se de um portão guardado por duas estátuas sobre pedestais, criaturas aladas com caras sorridentes e olhos vazios, quatro patas e caudas.

— Que anjos estranhos — disse a mãe, esticando o pescoço para ver melhor.

— Não são anjos — respondeu Stevie. — São esfinges. Criaturas místicas que exigem que respondas a um enigma antes de te deixarem entrar em determinado lugar. Se errares, devoram-te. Como no *Rei Édipo*. O Enigma da Esfinge. Aquilo é uma esfinge. Não confundas com «faringe», o órgão tubular musculomembranoso situado entre a boca e a parte superior do estômago.

A mãe voltou a lançar-lhe aquele olhar. *Queríamos ter tido o tipo de filha que sai de casa, vai às compras e é convidada para o baile, mas em vez disso calhou-nos esta esquisitona desajeitada, e amamo-la, mas do que é que ela está a falar?*

Por vezes, Stevie sentia-se mal pelos pais. Tinham um conceito de *interessante* tão limitado. Nunca se divertiriam tanto quanto Stevie.

Germaine lançou um olhar a Stevie, os seus olhos amplos e luminosos e a sua expressão tão indecifrável como a das esfinges.

Naquele momento, um lençol de dúvida abateu-se sobre a mente de Stevie. Não devia ter sido aceite no Instituto. A carta fora enviada para a casa errada, à Stevie errada. Era um truque, uma partida, um erro cósmico. Nada disto podia ser real.

Mas, mesmo que tudo isso fosse verdade, era tarde demais. Haviam chegado ao Instituto Ellingham.